

**DRUMMOND, O POEMA E O JORNAL**

Aulus Mandagará Martins  
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.  
Os telegramas de Moscou repetem Homero.  
Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo novo  
que nós, na escuridão, ignorávamos.

(Drummond, “Carta a Stalingrado”, *A rosa do povo*)

**Resumo:** Partindo do pressuposto de que o jornal opõe-se radicalmente à poesia, conforme Stéphane Mallarmé, bem como opera a separação entre fato e experiência, de acordo com Walter Benjamin, pretende-se verificar, através da leitura de alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade (sobretudo “Poema do jornal” e “Notícias”), de que modo a apropriação do jornal (enquanto tema e linguagem) pelo poema desdobra-se na reflexão de uma poesia moderna voltada para o cotidiano, para o social e para o histórico, sem replicar, contudo, a linguagem instrumentalizada e utilitarista desse meio de comunicação.

**Palavras-chave:** poesia moderna; poesia e jornal. Carlos Drummond de Andrade

**DRUMMOND, THE POEM, AND THE NEWSPAPER**

**Abstract:** Taking the notion that newspaper radically opposes poetry, according to Stéphane Mallarmé, in addition to the idea it works on the dissolution between fact and experience, based on Walter Benjamin’s observations, as starting points, the present paper aims at verifying, through reading some of Carlos Drummond de Andrade’s poems (especially “Poema do jornal” and “Notícias”), how the close relation between newspaper (as theme and language) and poem portrays a modern poetry that sheds some light on social, historical, and everyday issues, not depicting, nonetheless, the useful and instrumentalized language exploited in that form of communication.

**Keywords:** Modern poetry; poetry and newspaper; Carlos Drummond de Andrade.

## 1. Introdução

A atividade de Carlos Drummond de Andrade na imprensa foi intensa e duradoura, além de simultânea a sua produção “maior”, ou seja, os livros de poesia. A faceta mais evidente dessa relação manifesta-se pela vasta produção cronística, que reúne mais de seis mil textos<sup>1</sup>, selecionados e publicados em diversos títulos dedicados ao gênero, dentre os quais *A bolsa & a vida* (1959), *Cadeira de balanço* (1966), *Caminhos de João Brandão* (1970), *O poder ultra jovem* (1972), *De notícias & não notícias faz-se a crônica* (1974), *Os dias lindos* (1977), *Crônicas das favelas cariocas* (1981), *Boca de luar* (1984) e *Moça deitada na grama* (1984). Apenas para citar um exemplo do alcance dessa colaboração, só para o *Jornal do Brasil* (periódico em que escrevia três vezes por semana ao longo de 15 anos, de 1969 a 1984), Drummond assinou cerca de 2.300 textos<sup>2</sup>. Números impressionantes, que colocam Drummond na posição de um dos maiores praticantes da moderna crônica brasileira — e o transformam, certamente, pelo menos do ponto de vista quantitativo, em maior cronista do que poeta.

O próprio poeta, aliás, parece ter consciência de um possível e produtivo entrecruzamento da prática poética com a jornalística ao escrever os poemas-crônicas, ou crônicas versificadas — que viriam a compor os volumes *Versiprosa* (1967) e *Versiprosa II* (1973), reunindo textos publicados sobretudo nos jornais cariocas *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* — em que um dos elementos mais significativos do poema (o verso) confunde-se com o traço mais característico da crônica (o relato desprezioso dos eventos do cotidiano e da cena social).

Outra faceta dessa relação aparece no fato de muitos de seus poemas terem sido publicados antes em jornais e somente depois em livro — o que era uma prática mais ou menos normal até certo momento do jornalismo brasileiro. Para se ter ideia dessa proximidade, conforme aponta Júlio Castañon Guimarães<sup>3</sup>, de *Alguma poesia* (1930) a *Lição de coisas* (1962) são dez livros e

---

<sup>1</sup> MARTINS, 2013, p.120.

<sup>2</sup> Cf. AULER, 2012.

<sup>3</sup> GUIMARÃES, s/d, p.3.

315 poemas; no mesmo período, são 303 publicações em periódicos (o que não significa dizer que foram esse número de poemas que saíram antes em jornal e depois em livro — alguns poemas foram publicados duas ou mais vezes. De qualquer modo, ao todo, Drummond publicou, nesses mais de dez anos, em 70 periódicos. Outro exemplo desse trânsito do poema entre o jornal e o livro observa-se na organização dos três volumes de *Boitempo*, compostos, parcial ou integralmente, por textos publicados no *Jornal do Brasil*<sup>4</sup>. Registre-se, ainda, a importância decisiva da experiência jornalística, sobretudo até a primeira metade do século XX, não apenas de Drummond, mas de toda uma geração de escritores, para os quais a atividade em jornais e revistas constituiu-se numa espécie de laboratório de formação literária, conforme observa Maria Zilda Ferreira Cury:

À época, a imprensa era atividade intelectual de grande importância a disputar terreno com a produção literária, ou mesmo prepará-la para atrair escritores consagrados e iniciantes. Não existia escritor que não passasse, ao menos, pelos jornais. A atividade na imprensa representava um foro importante de conquista e, de algum modo, parece ter influenciado em muito a escrita posterior desses jovens. Todos iniciaram sua carreira poética nas páginas dos periódicos<sup>5</sup>.

Isso posto, a importância dessa atividade jornalística na construção da obra de Drummond parece ser um campo ainda em aberto para inúmeras pesquisas. Contudo, o objetivo deste ensaio vai em outra direção: verificar de que modo o jornal (cujo tema o poeta incorpora e de cuja linguagem se apropria através de vários procedimentos, como veremos) fornece a Drummond o motivo para uma reflexão sobre o sentido da própria poesia e do poeta na modernidade.

## 2. “A poesia fugiu dos livros”

Começamos pela epígrafe, retirada de um poema de *A rosa do povo*, aquele que é considerado por muitos como o livro mais “político” de Drummond — como o título já sugere pelos significados evidentemente ideológicos e políticos

---

<sup>4</sup> Cf. NUNES, 1995.

<sup>5</sup> CURY, 1988, p. 90.

tanto de “rosa” quanto de “povo”. Publicado em 1945, a maioria dos poemas dessa antologia remete (direta ou alegoricamente) às questões históricas, sociais e políticas da época: o nazi-fascismo, a Segunda Guerra, o totalitarismo, o Estado-Novo<sup>6</sup>.

“Carta a Stalingrado” é um longo poema acerca do sangrento sítio à cidade russa pelo exército alemão, que se estendeu de 23 de agosto de 1942 a 02 de fevereiro de 1943. Trata-se de um poema cujo tom não é tipicamente drummondiano, na análise de Murilo Marcondes Moura, pois se volta para a “ordem do sublime”, a dicção heroica em que “nenhuma sombra de ironia vem ofuscar o canto”<sup>7</sup>, no lugar de sua reconhecida melancolia e pessimismo em relação ao mundo, sobretudo ao mundo contemporâneo do poema, marcado por eventos tão sombrios. De qualquer forma, o que se gostaria de destacar dos quatro versos citados na epígrafe é o deslocamento do lugar da poesia. Não mais nos livros, mas nos jornais; não mais em Homero, mas nos telegramas.

Essa enfática declaração, talvez motivada por um estado de espírito de urgente e explícita tomada de posição diante dos eventos da guerra, tem interessante impacto se pensada em termos de uma poética. Em certo sentido, esses versos são coerentes, se não no tom, pelo menos na preocupação de Drummond com o tempo presente, a contemporaneidade, sobretudo a partir de *Sentimento do mundo* (1940). O tempo presente e a contemporaneidade, nesse poema, são reforçados na direção de uma “atualidade jornalística” — quer dizer, os eventos da hora, que repercutiam amplamente nos jornais da época. Se, no plano político e histórico, “Carta a Stalingrado” é um canto heroico de oposição ao avanço nazista, sugerindo a possibilidade de um novo mundo diante da derrocada do exército alemão, que se anunciava pela resistência da cidade, também temos, no plano da metapoesia, o anúncio de uma nova poesia — agora não mais vinculada aos fatos e feitos imemorais cantados na *Ilíada* e na *Odisseia*, mas sim à “atualidade jornalística” — não o tempo presente em abstrato, digamos, mas o tempo atual de que os jornais do dia dão conta. Neste sentido, não seria exagero

---

<sup>6</sup> Para uma análise mais ampla da presença de política em Drummond, sobretudo do debate acerca da conjuntura pós-guerra, das posições do poeta em relação aos ideais socialistas, ao Partido Comunista, não apenas em sua lírica, mas também em crônicas e correspondência, consultar Vagner Camilo (2001), *Drummond: da rosa do povo à rosa das trevas*.

<sup>7</sup> MOURA, 2016, p.121.

afirmar que os jornais, as notícias e os telegramas assumem, no contexto da modernidade, um lugar de fundamental importância para o poeta moderno, que, pelo menos desde *As flores de mal* de Charles Baudelaire<sup>8</sup>, não pode ou não mais deseja contar com a antiga musa de Homero.

Entretanto, essa posição defendida pelo eu lírico do poema de Drummond é polêmica, e toca em um ponto problemático e central sobre o sentido da poesia e do poeta na modernidade, principalmente porque tenciona uma relação, não tão evidente assim, da linguagem poética com a jornalística, ou, em outras palavras, com a função atribuída à poesia e aquela atribuída ao jornal.

### 3. O jornal e a poesia: distanciamento e desconfiança

Stéphane Mallarmé, o poeta ícone da poesia da alta-modernidade, estabelecia uma relação profundamente antitética e radical entre a poesia e o jornal. O ataque ou desprezo do poeta francês pelo jornal deriva, claramente, de sua concepção de poesia como linguagem autônoma, desviante da norma, fechada em si e afastada de todo utilitarismo<sup>9</sup>. A centralidade de Mallarmé para certa concepção de poesia moderna foi definida por Hugo Friedrich, em sua clássica obra *A estrutura da lírica moderna* (1978). Em que pese todos os problemas do esquema proposto por Friedrich, a ideia da “preponderância da vontade da forma sobre a vontade de simples expressão”<sup>10</sup> é crucial para a descrição da poética de Mallarmé e, por extensão, da poesia moderna, cujas linhas mestras seriam a desumanização e ausência de sentimento e inspiração, lírica como jogo e reflexão metalinguística, dizer o que nunca foi dito, obscuridade e sugestão (e não compreensão), afastamento do real e poesia pura<sup>11</sup>. Nestes termos, poesia e jornal constituem-se, de fato, em linguagens incompatíveis. É preciso frisar, contudo, que a posição de Mallarmé, que hoje poderia soar pedante e antiquada, deve ser entendida como um gesto de resistência contra a linguagem instrumentalizada e utilitarista dos jornais (que, à altura em que o poeta de *Um lance de dados* escrevia, consolidavam-se como principal veículo de

---

<sup>8</sup> BAUDELAIRE, 1985, p. 111.

<sup>9</sup> Cf. DANZIGER, 2007.

<sup>10</sup> FRIEDRICH, 1978, p. 41.

<sup>11</sup> Cf. FRIEDRICH, 1978, pp. 95-140.

informação de massa), cuja única função é informar, noticiar o mundo, submetendo o mundo e a linguagem à lógica burguesa da mercadoria — tudo de que a poesia, em sua aspiração transcendental e superior, pelo pressuposto mallarmaico, deveria manter-se afastada.

Registre-se de passagem que Mallarmé não deixa de manifestar-se na poesia de Drummond, quanto mais não seja (para localizarmos apenas um ponto dessa convergência) conduzido pela mão de seu mais legítimo e brilhante discípulo, Paul Valéry, na famosa epígrafe de *Claro enigma* (1951) — “*Les événements m’ennuient*”. Se, no início dos anos 50, Drummond estava entediado dos acontecimentos, não é bem isso que se percebe na produção da década anterior. Justamente ao contrário: os acontecimentos constituíam-se na questão central de sua poesia, a ponto de todo o esforço de Drummond parecer concentrar-se nas possibilidades de tratamento poético dessa matéria que brotava dos fatos históricos e sociais.

Por sua vez, Walter Benjamin reflete sobre o impacto dos jornais na experiência moderna. Em seu ensaio sobre o narrador, Benjamin argumenta que na “substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a constante atrofia da experiência”<sup>12</sup> e que os princípios da linguagem jornalística (novidade, concisão, inteligibilidade e falta de conexão entre as notícias), bem como a própria paginação e estilo dos jornais, contribuem para a desconexão entre a informação jornalística e experiência, devido, sobretudo, ao fato de uma informação aspirar a uma “verificação imediata”<sup>13</sup> e ser rapidamente substituída ou atualizada por outra, envelhecendo de um dia para o outro. É neste sentido que o jornal promove o esquecimento, pois a informação não se consolida no saber que remete à tradição. Da mesma forma que os soldados que retornaram dos fronts de batalha ricos de informação, mas pobres de experiência, o homem moderno é rico de informações veiculadas pelos jornais, mas igualmente pobre de saber, de experiência.

Evidentemente que não se sugere uma extensão entre o pensamento de Mallarmé e o de Benjamin. O que se deseja destacar é a percepção, através de pontos de vistas distintos, de que o jornal ocupa um lugar problemático, seja

---

<sup>12</sup> BENJAMIN, 1989, p. 207.

<sup>13</sup> BENJAMIN, 1989, p.203.

em relação com um ideal de poesia moderna que se insurge contra a instrumentalização da linguagem, seja em relação à possibilidade de extrair dos acontecimentos cotidianos e banais uma experiência enriquecedora do sujeito.

#### 4. Drummond, a poesia e o jornal: recortes, apropriações, deslocamentos

Nos limites desse ensaio, propomos verificar de que modo a apropriação do jornal (enquanto tema e linguagem), da notícia jornalística e dos telegramas (então uma das principais fontes de informação dos jornais) pelo poema drummondiano desdobra-se na reflexão de uma poesia voltada para o cotidiano, para o social e para o histórico, sem replicar, contudo, a linguagem instrumentalizada e utilitarista desse meio de comunicação. Neste sentido, “Poema do jornal” pode ser identificado como um texto seminal em que se evidencia, desde seu livro de estreia, uma particular preocupação com o lugar da notícia e do jornal em relação à poesia — articulação que se explícita já no título do poema. Publicado originalmente em *O Estado de Minas*, de Belo Horizonte, em 30 de abril de 1930, o poema, desse modo, não apenas tematiza o jornal, mas o jornal é seu meio de divulgação e primeira publicação, apontando, pois, para seu procedimento criativo e modo de circulação.

##### Poema do jornal

O fato ainda não acabou de acontecer  
e já a mão nervosa do repórter  
o transforma em notícia.  
O marido está matando a mulher.  
A mulher ensanguentada grita.  
Ladrões arrombam o cofre.  
A polícia dissolve o *meeting*.  
A pena escreve.

Vem da sala de linotipos a doce música mecânica<sup>14</sup>.

O que se destaca neste poema é o tom de exaltação do jornal, lugar em que os fatos ordinários do cotidiano são registrados e divulgados tão logo ocorram; a

---

<sup>14</sup> ANDRADE, 2015, p. 22.

simultaneidade entre o evento e seu registro é um dos aspectos mais característicos do jornal, a sua busca pela notícia, a novidade daquele dia. A velocidade (a mão do repórter em perfeita sintonia com a máquina) é justamente um dos aspectos observados por Benjamin em sua crítica ao jornal, que, para o filósofo, promove a dissociação entre fato e experiência, como já vimos. Aqui, no poema de Drummond, parece que esse traço (a rapidez com que o fato vira notícia) não é problematizado, antes ao contrário, é algo que reveste o jornal de significado positivo, uma espécie de lugar para onde convergem todos os aspectos da vida moderna. Mas há algo de mecânico nessa operação. Os versos 4 a 7 mimetizam a linguagem ágil, de fácil compreensão e algo sensacionalista das manchetes jornalísticas. Por sua vez, o verso final, destacado na estrutura estrófica, parece reforçar a leitura de uma percepção positiva do jornal enquanto uma máquina que produz veloz e incansavelmente as notícias: "a doce música mecânica" — imagem que minimiza o ruído da máquina e confere um tom laudatório à condição mecânica desse processo que transforma os eventos da rua em notícia rapidamente consumida pelas massas curiosas e ávidas por novidades.

Neste sentido, é importante tecer algumas considerações. Escrito no início dos anos 1930, ou um pouco antes, o poema não deixa de ser uma apologia a um determinado pensamento de vanguarda, como por exemplo o Futurismo (1909), de Filippo Marinetti, que encontra na máquina — e seus atributos, sobretudo a rapidez — o símbolo máximo da modernidade e da derrocada da decadente tradição. Assim, o poema de Drummond também não se furta a ser uma espécie de poética em que se reflete sobre o sentido da poesia moderna. O elogio ao jornal, na forma de um poema, não significa tanto a possibilidade de um vínculo produtivo entre essas duas linguagens, mas, talvez, a aceitação do poeta do ritmo imposto pela modernidade, cujo epicentro é a máquina, submetendo o poema a esse anseio pelo novo.

No entanto, há em "Poema do jornal" uma certa ambiguidade, a partir da qual é possível antever uma produtiva articulação entre a poesia e o jornal, pela ênfase que se dá à vida cotidiana e sua banalidade algo trágica. Dito de outro modo: o jornal traz a "vida" atual para o nervo do poema. Nessa perspectiva, é do jornal que o poeta, sem a ajuda das musas, retira a matéria, o assunto de

seus poemas. Isso é muito interessante: se é do jornal que o poeta retira sua “inspiração”, significa dizer que a experiência do poeta é a mesma de todo o mundo. O jornal é uma espécie de conhecimento compartilhado, não promovendo uma distinção entre gênios e pessoas comuns. O poeta não é privilegiado em relação à multidão. Ele sabe o que todos sabem. Portanto, todos poderiam acessar, democraticamente, a poesia, que vem justamente das ruas, dos fatos cotidianos.

Todavia, o poema de Drummond parece afirmar que, se há a poesia no jornal, esta consiste em seu modo de funcionamento, na maneira como transforma velozmente o fato em notícia — e não necessariamente na transformação dessas notícias em poesia. Por outras palavras, a poesia encontra-se no jornal *enquanto máquina* que produz notícias. A “pena que escreve” constituir-se em mais uma das engrenagens dessa grande e potente máquina, produzindo notícias tão freneticamente quanto os fatos ocorrem nas ruas, e não um elemento que poderia conferir a esse mecanismo um toque de humanidade reflexiva e crítica.

Não seria inoportuno lembrar o evidente parentesco deste poema de Drummond com o “Poema tirado de uma notícia de jornal”, de Manuel Bandeira, de *Libertinagem* — publicados mais ou menos na mesma época (em livro, no mesmo ano, mas escrito em 1925, no calor da hora dos influxos modernistas), assunto mais ou menos idêntico, similaridade entre os títulos:

#### **Poema tirado de uma notícia de jornal**

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da  
[Babilônia num barracão sem número  
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou  
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado<sup>15</sup>.

Enquanto o poema de Drummond destaca a velocidade da máquina e da vida moderna, bem como a sintonia do poeta com a rapidez do mundo moderno (o

---

<sup>15</sup> BANDEIRA, 1989, p. 107.

qual deve buscar nas ruas a matéria de sua poesia, talvez mimetizando o funcionamento da máquina jornalística), Manuel Bandeira parece mais lírico — não é máquina ou a velocidade que o eu-lírico destaca, mas a vida de um zé-ninguém, transformada em poesia porque seu poema não repete a estrutura da linguagem instrumentaliza e utilitarista dos jornais, salvando-o, desse modo, do esquecimento e da descartabilidade que a imprensa impõe a esses fatos do cotidiano.

Ao longo de sua obra, entretanto, Drummond redimensionará em outras direções as possibilidades de diálogo entre o jornal e a poesia. Nesse sentido, inúmeros poemas ilustram produtiva articulação, tais como, para citar apenas dois exemplos além dos já mencionados, “Morte do leiteiro”, de *A rosa do povo* (1945) e “Desaparecimento de Luísa Porto”, de *Novos poemas* (1948). Este é o caso, ainda, de “Notícias”, também de *A rosa do povo*.

### Notícias

Entre mim e os mortos há o mar  
e os telegramas  
Há anos que nenhum navio parte  
nem chega. Mas sempre os telegramas  
frios, duros, sem conforto.

Na praia, e sem poder sair.  
Volto, os telegramas vêm comigo.  
Não se calam, a casa é pequena  
para um homem e tantas notícias.

Vejo-te no escuro, cidade enigmática.  
Chamas com urgência, estou paralisado.  
De ti para mim, apelos,  
de mim para ti, silêncio.  
Mas no escuro nos visitamos.

Escuto vocês todos, irmãos sombrios.  
No pão, no couro, na superfície  
macia das coisas sem raiva,  
sinto vozes amigas, recados  
furtivos, mensagens em código.

Os telegramas vieram no vento.  
Quanto ao sertão, quanta renúncia atravessaram!  
Todo homem sozinho devia fazer uma canoa

e remar para onde os telegramas estão chamando<sup>16</sup>.

Trata-se de um poema bastante diferente daquele de *Alguma poesia*. Aqui não temos um elogio ao jornal ou à maquinaria de sua edição; mas alusões bastante explícitas permitem fazer uma conexão entre o poema e o jornal: o título, cuja palavra “notícias” repete-se ao longo do poema, e os telegramas (através dos quais as notícias do mundo chegavam de um lugar ao outro, atravessando o mar, como o eu-lírico menciona). Neste poema de *A rosa do povo* já se percebe, de um lado, uma dicção mais drummondiana, pautada pela melancolia e pelo pessimismo, com um laivo de esperança doída e descrente, em contraste com “Carta de Stalingrado”, de acordo com a leitura de Murilo Marcondes Moura, e, de outro, um Drummond mais livre da poética modernista em sua apologia à máquina — que era o traço mais importante do poema escrito nos anos 30. Nesse último aspecto, observa-se um nítido deslocamento da percepção do jornal enquanto máquina, cujo processo, essencialmente mecânico, transformava fatos em notícias, reduzidas a manchetes mais ou menos sensacionalistas — muito embora o poeta ainda esteja pensando em questões semelhantes às do poema de 1930, ou seja, a relação do poeta com o mundo externo, com os acontecimentos contemporâneos, especialmente os acontecimentos da “rua”, e ainda na forma como esse conhecimento do mundo é socialmente compartilhado.

Neste poema escrito durante a Segunda Guerra, a mediação entre o poeta e o mundo não se dá pela vibrante máquina, mas através desses telegramas. É pela leitura desses telegramas que o poeta estabelece uma empatia com os mortos que estão do outro lado do mar — empatia, aliás, ausente em “Poema do jornal”, onde a violência do marido contra a mulher é de imediato substituída pela notícia do assalto dos ladrões ao cofre, que, por sua vez, é esquecida pela ação da polícia que dispersa o comício. Desse modo, a notícia produzida, por assim dizer, em escala industrial, não promovia a adesão do sujeito com a vida cotidiana ou com a atualidade jornalista em termos de uma experiência que transcendesse a mera informação. Por outro lado, a empatia com o outro, que se verifica no poema de *A rosa do povo*, detona uma consciência histórica, uma específica percepção da atualidade jornalística, que ultrapassa os limites da informação

---

<sup>16</sup> ANDRADE, 2015, pp. 175-6.

instrumentalizada pela linguagem das manchetes, uma vez que o poeta aproxima de sua sensibilidade fatos ocorridos distantes no espaço, no outro lado do oceano. Se uma notícia substitui a outra velozmente (como no “Poema do jornal”), se a notícia do jornal envelhece rapidamente, se, por tudo isso, o fato se separa da experiência, aqui, em “Notícias”, ocorre algo de mais interessante e profundo: as notícias não são descartáveis; isto porque o sujeito não apenas se informa do que acontece do outro lado do mundo, mas porque consegue estabelecer uma rede de afetos com aqueles sujeitos cujas vidas e destinos os jornais noticiavam.

A primeira estrofe do poema dramatiza uma situação desesperadora, em que se estabelece entre o eu-lírico e os outros, entre o eu-lírico e o mundo, uma distância insuperável, tanto do ponto de vista físico e geográfico (o mar) quanto ontológico (os mortos). O único elemento que permite a conexão (já que nenhum navio parte ou chega) são os telegramas, qualificados de forma tão negativa (frios, duros), em virtude das notícias que trazem.

O poeta, embora oprimido e sufocado pelo mundo (a casa pequena), impossibilitado de ação (sem poder sair da praia), não se deixa dominar, por assim dizer, pela linguagem instrumentalizada dos jornais. É o que se pode ler na imagem dos telegramas acompanhando o poeta — não como notícias percíveis, que perdem a relevância logo no dia seguinte, uma vez que esses telegramas “não se calam”. Aquilo que os telegramas dizem continuam a atuar sobre o poeta após a leitura das notícias. Portanto, não apenas informam sobre algo, mas reverberam na consciência e na subjetividade do eu-lírico.

## **5. Considerações finais**

A poesia de Drummond, embora fortemente marcada pelo “imediatismo” da notícia, configura, no gesto que simultaneamente integra a notícia jornalística e desconfia do predomínio da informação sobre a experiência, uma determinada postura crítica em relação ao próprio poema e sua função na sociedade moderna. A análise de “Poema do jornal” e “Notícias” propiciou verificar uma mudança de perspectiva do uso do jornal e da notícia na poesia drummondiana. Em um primeiro momento, o jornal remete à imagem de uma máquina que produz notícias rápida e freneticamente, estabelecendo, assim, uma

dinâmica própria dos aparatos mecânicos, que acaba por integrar a pena que escreve, submetendo-a à lógica instrumentalizada, na mecanização da informação. Posteriormente, a notícia perde sua feição de máquina que funciona em separado do elemento humano, para encontrar no telegrama uma imagem que propicia uma outra modalidade de se relacionar com a informação. Embora o conteúdo dos telegramas seja duro e frio (talvez mais duro e frio do que a máquina que produz notícias de “Poema do jornal”), a leveza dessa imagem, em contraste com a máquina pesada a pleno vapor da oficina da imprensa, articula-se à possibilidade de estabelecer laços de afeto que transformam a informação em uma experiência profunda e duradoura.

O que importa, agora, não é tanto o modo de produção da notícia, que obedece ao ritmo da máquina, mas o impacto de afeto que a notícia promove. Ou, como dirá Drummond em outro poema (“O desaparecimento de Luísa Porto”), é “o jornal embrulhado na memória”, salvando as Luísas Porto e todos nós, da dispersão do esquecimento.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AULER, Marcelo. Carlos Drummond de Andrade, cronista que o ‘JB’ ajudou a imortalizar a obra. *Jornal do Brasil*, 01.07.2012. Disponível em: <http://www.jb.com.br/especial-drummond/noticias/2012/07/01/carlos-drummond-de-andrade-cronista-que-o-jb-ajudou-a-imortalizar-a-obra/>

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira; poemas reunidos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BENJAMIN, Walter. “O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985 [pp.197-221].

CAMILO, Vagner. *Drummond: da rosa do povo à rosa das trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu*

grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DANZIGER, Leila. “O jornal e o esquecimento”. *Ipotesi*. Juiz de Fora, MG, v. 11, n. 2, p. 167-177, 2007.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Trad. Marise M. Curioni. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. “Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade: o poema do periódico ao livro”. *Ipotesi: revista de estudos literários*, Juiz de Fora, n. 2, v. 4, p. 39-47, 2000.

GUIMARÃES, Júlio. Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade: o poema do periódico ao livro. Fundação Casa de Rui Barbosa, s/d. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/bitstream/fcrb/453/3/Guimaraes%2c%20J.%20C.%20-%20Manuel%20Bandeira%20e%20Carlos%20Drummond.pdf>

MARTINS, Ricardo André Ferreira. “A obra cronística de Carlos Drummond de Andrade: impressões e visões sobre a sociedade, a cultura e o cotidiano brasileiro”. *Revista Estação Literária*, p. 119-135.

MOURA, Murilo Marcondes. *O mundo sitiado; a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: 34, 2016.

### **Currículo abreviado do autor**

Aulus Mandagará Martins é doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor de Literatura do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel.

---

Recebido em 13/11/2017.

Aprovado em 10/12/2017.